

# “Banco de Preservativos”: uma avaliação das ações desenvolvidas

“Condom Availability”: evaluation of the project's actions

Viviane Aparecida Siqueira Lopes\*

Érica Alves Rangel\*\*

Aline do Nascimento Pereira\*\*\*

Este artigo apresenta uma avaliação das ações desenvolvidas por um projeto de extensão universitária, realizado pelo Curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense, em parceria com a Secretaria de Saúde/ Programa DST-HIV-Aids do município de Campos dos Goytacazes/RJ, intitulado “Banco de Preservativos da UFF-Campos”. A avaliação é realizada em uma dimensão quanti-qualitativa, sendo analisado o número de atividades educativas e de plantões do projeto realizados, o número de universitários presentes nas ações educativas, o número de cadastros para recebimento mensal de kit de preservativos, a média de efetivação da busca mensal; e também, consideradas as opiniões dos universitários sobre o projeto, a partir da aplicação de questionários. Os resultados expressam um bom desempenho do projeto, quando seus objetivos, em modo geral, são alcançados e quando é expresso o reconhecimento de sua importância, pelos universitários.

Palavras-chave: Avaliação de Políticas. Projetos Sociais. Projeto “Banco de Preservativos”. Desempenho.

*This article presents an evaluation of the actions taken by the extension project “Condom Availability”, carried out in the Graduate Program in Social Work at the Universidade Federal Fluminense (UFF), in partnership with the Public Health Department/STD-HIV-AIDS Program of Campos dos Goytacazes, RJ. The evaluation combines qualitative and quantitative methods, with analysis of the number of educational actions and students' shifts in the program, number of students taking part in the actions, number of registered users who get condom kits on a monthly basis, and the average of actual monthly delivery. The study also took into consideration the students' comments on the project in the questionnaire applied in the survey. Results show a good project performance regarding achievement of its goals, and recognition of its importance by university students.*

*Key words: Fishing. Evaluation of Policy and Social Projects. “Condom Availability” Program. Performance.*

## Introdução

Este texto visa apresentar uma avaliação das ações desenvolvidas no período 2009-2011 por um projeto de extensão universitária, intitulado “Banco de preservativos da UFF-Campos”.

\* Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Mestre em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/FIOCRUZ); Professora-Adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF) – Campos dos Goytacazes, RJ - Brasil

\*\* Aluna de 9º. período do curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF) - Campos dos Goytacazes, RJ - Brasil, em 2012 e Bolsista de Extensão da UFF, no período 2010-2011

\*\*\* Aluna do 9º. período do curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF) - Campos dos Goytacazes, RJ - Brasil, em 2012 e inserida no programa de Estágio Interno e Bolsa Treinamento da UFF, no período 2010-2011

O projeto foi criado em março de 2009 pela Universidade Federal Fluminense (UFF), no polo de Campos dos Goytacazes, em parceria com o Programa DST-HIV-Aids deste município, com a finalidade de promover ações educativas referentes à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis para alunos desta unidade de ensino, com a concomitante garantia de acesso gratuito a preservativos.

O projeto desenvolveu palestras e oficinas voltadas para todos os alunos do polo universitário, momento no qual todos os participantes receberam *folders* educativos e um pequeno *kit*, composto de quatro unidades de preservativos, a título de contato, conhecimento do insumo e possível uso.

Para os alunos interessados no acesso mensal ao *kit* composto por dezesseis preservativos foi realizado um cadastro, pela equipe executora do projeto, com a expressa garantia de sigilo.

As ações do “Banco de Preservativos” foram desenvolvidas possuindo como referência a realização de “plantões” semanais, em dois dias consecutivos, sempre as quintas e sextas-feiras; sendo previstos dezesseis (16) plantões por semestre. Nestes, foram realizadas orientações, esclarecimentos, distribuição de *folders*, inscrições para eventos do projeto, entrega de certificados dos eventos, cadastros para acesso mensal ao *kit* de preservativos e entrega dos mesmos aos alunos cadastrados.

As atividades educativas previstas envolveram a promoção de quatro eventos anuais, voltados para todos os alunos; e, a reprodução de vídeos e *clips* durante os “plantões de atendimento” do projeto. As informações teóricas e práticas repassadas referiram-se à vulnerabilidade frente às DSTs, associadas ao tema sexualidade.

No entanto, a realização do projeto não ocorreu de modo linear, pois a prevenção das DSTs envolve, necessariamente, o uso de preservativos e este uso não é determinado apenas pelo acesso gratuito e informação. A ação educativa e a gratuidade são fundamentais por envolverem a promoção da alteração de valores e costumes, por problematizarem o cotidiano e provocarem a reflexão. No entanto, há aspectos subjetivos que estão envolvidos, muitas vezes limitando o acesso e/ou uso dos preservativos.

A adesão dos alunos ao projeto, especificamente no que se refere ao cadastramento para acesso mensal ao *kit* de preservativos e à “procura mensal” pelos *kits*, ocorreu de modo irregular. Dessa forma, a equipe executora sentiu a necessidade de conhecer e sistematizar dados e opiniões dos alunos acerca do projeto de extensão, possibilitando a análise dos motivos e tendências das escolhas dos estudantes frente ao projeto. Estas análises subsidiariam tomadas de decisão sobre alterações no modo de fazer o projeto.

Para além desses motivos referentes à realização do projeto em si, vimos que após três anos de implementação, tornava-se relevante a avaliação do trabalho desenvolvido, também diante dos parâmetros da gestão pública atual, da checagem do bom uso dos recursos públicos – humanos e materiais – que no caso do projeto avaliado estão envolvidos. Nesse sentido, a avaliação envolve também o cunho de prestação de contas de seus resultados à comunidade acadêmica.

Outro aspecto diz respeito à importância da análise das ações desenvolvidas por "bancos de preservativos" por serem estes uma valiosa estratégia utilizada nos trabalhos que visam à prevenção de DSTs, estabelecendo o vínculo usuário-instituição/projeto e favorecendo, desse modo, a adesão às atitudes preventivas.

A avaliação do projeto de extensão foi realizada a partir de uma pesquisa, cujos objetivos e questões norteadoras serão apresentados na sessão "métodos".

### ***Avaliação de projetos e programas***

Para Scriven (1991 apud SILVA, 2005, p. 15), avaliação é o "processo de determinação do esforço, mérito ou valor de algo ou produto desse processo". Para Contandriopoulos et. al. (1997 apud SILVA, 2005, p. 16), avaliação é "um julgamento sobre uma intervenção ou sobre qualquer dos seus componentes com o objetivo de auxiliar na tomada de decisão".

Em uma perspectiva mais abrangente, Silva (2005, p. 16), afirma que:

a avaliação toma por objeto desde as práticas do cotidiano até aquelas relacionadas com o trabalho, nos seus diversos âmbitos, o que envolve as intervenções sociais planejadas, (e que) o 'julgamento' pode variar desde a formulação de um juízo de valor dicotômico qualitativo ou quantitativo (cuidado à saúde, bom ou ruim, cobertura vacinal igual ou superior a 70% ou inferior a 70%) até uma análise que envolva o significado do fenômeno.

Nesse sentido, a avaliação pode utilizar informações produzidas pelo monitoramento de programas e projetos, sendo este o acompanhamento sistemático sobre características de programas, projetos ou serviços.

A avaliação, diferentemente do monitoramento, refere-se ao julgamento sobre programas, projetos ou serviços, em um determinado tempo. Para isto, requer a formulação de questões que orientem a transformação de dados em informação e a sua utilização para avaliação. Tais questões orientam a análise e possíveis sentidos a serem atribuídos aos achados empíricos. (SILVA, 2005, p. 17)

Outro aspecto a destacar é o fato de a avaliação, muitas vezes, ser associada ao julgamento que os indivíduos emitem sobre os programas, projetos e serviços, baseados no senso comum, a partir de uma reunião entre atores importantes no processo de implementação – equipe ou equipe e usuários – no intuito de realizar "um balanço" do trabalho. A pesquisa avaliativa, diferentemente, corresponde "ao julgamento que é feito sobre as práticas sociais a partir da formulação de uma pergunta não respondida ainda na literatura especializada, sobre as características dessas práticas, em geral, ou em contexto particular, através do recurso a metodologias científicas". (SILVA, 2005, p. 17)

A avaliação de programas e projetos tem sido uma preocupação da gestão pública

e de profissionais envolvidos na implementação de programas e projetos sociais. Isso se destaca pela sintonia dessa gestão com a busca do alcance de resultados favoráveis, incluindo o reconhecimento do usuário, associados a um melhor uso dos recursos públicos.

Segundo Tobar (2005 apud FILGUEIRAS, 2007, p.155), a avaliação contribui

para gerar mudanças importantes na forma como se tomam decisões de política, melhorar a gestão das organizações públicas e facilitar a prestação de contas à sociedade [...] contribui para criar consenso sobre a validade de determinadas ações públicas e, portanto, da gestão pública; orienta aperfeiçoamentos no marco conceitual e programático e ganha relevância na medida em que examina os processos operativos e contribui para ajustá-los.

A realização de avaliações contribui para a explicitação e reforço dos objetivos de programas ou projetos; fortalece o sistema de informação e monitoramento; amplia o aprendizado institucional frente ao processo de avaliar e ser avaliado; possibilita a análise da interação entre os atores institucionais envolvidos no processo de execução. (FILGUEIRAS, 2007)

Desse modo, segundo Perez (1998, p. 44),

a avaliação é uma atividade que produz e compara dados de desempenho com um conjunto de objetivos hierarquizados, justifica e valida instrumentos e metas, atribuindo valores ao programa para alcançá-las. Avalia o programa na etapa de implementação e resultados. Compara o desempenho de diferentes ações a que está exposto o público-alvo.

A avaliação também pode buscar

o aprimoramento do programa durante o processo de sua elaboração e pode ser usada para testar, rever e redefinir o programa global ou vários de seus componentes: conteúdos, metodologias, treinamento e desempenho das equipes, caracterização do público-alvo, configuração dos materiais adotados e o tempo ideal para sua implementação. (PEREZ, 1998, p. 44).

Nesse sentido, a avaliação do projeto de extensão, objeto deste artigo, visa à análise do valor ou mérito do trabalho desenvolvido, à prestação de contas acerca de seus resultados à comunidade acadêmica e pretende nortear decisão sobre alterações em seus marcos programáticos.

A literatura apresenta diversas classificações, com nomenclaturas específicas, acerca dos ângulos e momentos da realização de uma avaliação que, a nosso ver, são referentes:

- a) Ao momento anterior à realização de um programa ou projeto, possibilitando a análise e ponderações sobre os elementos facilitadores ou não para a implementação e as razões presentes em determinado contexto que justifiquem a implementação;

- b) Ao processo de implementação, objetivando reconhecer elementos para aperfeiçoamento do trabalho que está sendo realizado, quando são importantes: as relações entre os atores envolvidos em si (entre os membros da equipe e desta com os usuários), as relações entre recursos físicos, materiais e humanos;
- c) Aos resultados e/ou impacto dos programas ou projetos, sendo uma avaliação realizada sobre um trabalho já realizado. Objetiva analisar o alcance de objetivos e metas previstas pelo programa/projeto e/ou analisar as alterações geradas pelo trabalho em seu público-alvo.

Nesse sentido, Pestana (1998) apresenta possibilidades de avaliação em cinco (05) momentos: avaliação de contexto, envolvendo análise sobre a formação de agenda pública e conjuntura; avaliação de insumo, avaliando as alternativas de procedimentos a serem adotados; avaliação de processo; de resultados; e, de impacto.

Faria (1998) apresenta também cinco momentos, embora expressando outro tipo de classificação: avaliação *ex-ante*, quando são levantadas as necessidades e estudada a factibilidade da ação a ser realizada, que a nosso ver corresponde aos dois primeiros momentos apresentados por Pestana (1998); o segundo momento é denominado "monitoramento de programas", que visa o aprimoramento de programas, enfatizando a eficiência do programa/projeto; o terceiro momento é a "avaliação formativa", também visa o aprimoramento de programas, enfatizando agora a eficácia. Estes dois últimos momentos, referem-se ao processo de implementação; o quarto momento é a avaliação somativa ou *ex-post*, que avalia resultados e que pode envolver estudos comparativos; o quinto momento é a avaliação de impacto.

Cohen e Franco (1999) apresentam apenas dois momentos que podem ser avaliados, classificando-os como avaliação *ex-ante* e *ex-post*. O primeiro permite a decisão de determinado projeto ser ou não implementado e o segundo engloba projetos em andamento ou concluídos, envolvendo, portanto, o processo de implementação, os resultados e o impacto.

Arretche (1998) classifica em três tipos a avaliação: de eficácia, de eficiência e de efetividade. O primeiro relaciona objetivos, instrumentos e resultados; sendo possível sua realização entre, por exemplo, as metas propostas e as alcançadas pelo programa ou entre os instrumentos previstos para sua implementação e aqueles efetivamente empregados. O segundo, envolve a relação entre esforço empregado na implementação de uma dada política, ou seja, as ações da equipe profissional, e resultados. A sofisticação dos métodos relacionados à busca e à avaliação da eficiência tem ocorrido sob o impulso de vários fatores: a escassez de recursos públicos, exigindo maior racionalização do gasto; expansão dos segmentos populacionais a serem cobertos pelos programas sociais e o entendimento de que a eficiência atende a um objetivo democrático, por dizer respeito ao bom uso do dinheiro público. O terceiro tipo, a avaliação da efetividade, relaciona a implementação aos resultados/impacto.

Filgueira (2006 apud FILGUEIRAS, 2007, p.156) classifica quatro funções e formas básicas de avaliação:

- a) Avaliação de necessidade e situação relacionada à formação de agenda pública,

identificação e especificação de problemas, identificação de correlações que sugerem causalidade, diagnóstico sobre possíveis benefícios de um determinado projeto ou programa;

- b) Avaliação e monitoramento da implementação e produtos que se detêm em aspectos como recursos disponíveis, ações realizadas, processos desenvolvidos e produtos gerados e/ou entregados;
- c) Avaliação de desempenho contínuo contra valores meta, incluindo comparação com período anterior e com metas estabelecidas, entre unidades ou áreas, e avaliação contra parâmetros generalizados, normativos ou acumulados por experiência.
- d) Avaliação de impacto, que implica no estabelecimento de causalidade entre insumo/produto e resultado, identificação da alteração gerada pela intervenção.

Ressaltando a avaliação da implementação ou do processo, Perez (1998, p.65) afirma que esta “representa chances a monitoração dos processos responsáveis pela produção do efeito esperado, [...] da própria dinâmica do curso das decisões e atividades-meio; [...] a avaliação de impacto diz respeito aos efeitos do programa sobre a população-alvo”.

Sobre o processo de implementação, o autor supracitado destaca que, a ideia de implementação se restringia ao “cumpra-se” da política, pressupondo ser automaticamente cumprida a decisão de uma autoridade. Posteriormente, foi demonstrado que, apesar da decisão central, a operacionalização do programa apresentava inúmeros obstáculos em nível local. Elementos próprios do cotidiano dos programas e organizações do contexto sócio-político local perpassavam sua implementação, sendo eles facilitadores ou não.

Nesse sentido, a implementação torna-se um processo não linear, com possibilidades e limites frente aos objetivos inicialmente pensados e propostos, sendo seus resultados condicionados a tal processo.

A nosso ver, processo, produto/resultado e impacto são ângulos que requerem análises próprias, apresentando condicionantes próprios e articulados entre si, o que possibilita a escolha de avaliações que enfoquem um destes momentos, mas que aponta sempre para a necessidade de algum grau de associação com os demais. Adotamos também a distinção entre resultados e impacto, entendendo que o resultado será mais objetivamente mensurado enquanto o impacto poderá contar com interferências não apenas da ação, em análise, em si.

Independente do tipo de avaliação a ser realizada, a definição de indicadores é procedimento necessário. Em relação a isto, Cohn e Franco (1999, p. 152) afirmam que:

uma instância central do processo de avaliação consiste em determinar o grau em que foram alcançadas as finalidades do projeto. Isto requer dimensionar o objetivo geral em subconjuntos de objetivos específicos, os quais, por sua vez, terão “metas”<sup>1</sup>, cuja obtenção será medida através de indicadores.

<sup>1</sup> O sentido de “Metas”, neste momento, é de dimensionalização operacional dos objetivos específicos. (COHEN; FRANCO, 1999, p.152)

“Na avaliação, o indicador é a unidade que permite medir o alcance de um objetivo específico. Deve-se distinguir entre indicadores diretos e indiretos. Os primeiros traduzem a obtenção do objetivo específico em uma relação de implicação lógica”(COHN; FRANCO, 1999, p. 152). A nosso exemplo, se diminuir a incidência de determinada doença é objetivo de um programa de saúde, sua definição já determinou o indicador, que mostrará as variações percentuais que ocorreram nessa incidência dentro da população-alvo. O indicador, nesse caso, é o grau de incidência da doença X.

“Os indicadores indiretos devem ser construídos. Se um projeto tem como objetivo aumentar a participação comunitária, as metas e indicadores das mesmas surgem das formas em que a participação se expressa” (COHN; FRANCO, 1999, p. 152). No exemplo anterior, indicadores indiretos poderiam ser: tempo de permanência no programa, grau de pobreza daqueles indivíduos e/ou uso adequado de medicamentos.

Desse modo,

a relação entre indicador e meta é de caráter probabilístico e não de implicação lógica, por cujo motivo é conveniente incrementar o número de indicadores de uma meta para aumentar, assim, a probabilidade de conseguir uma medição adequada. (COHN; FRANCO, 1999, p. 152-153).

Este artigo apresenta uma avaliação de resultados, considerando também o desempenho, sem desvinculá-los do processo, pois apresenta os resultados do trabalho desenvolvido pelo projeto de extensão “Banco de Preservativos da UFF-Campos”, ressaltando o desempenho alcançado pelo projeto a cada ano de execução e articulando-o ao processo de implementação, que vivenciou percalços e possibilitou observações e percepções valiosas para o processo de análise do trabalho desenvolvido.

Reconhecemos grandes aproximações e interações entre as classificações elaboradas acerca das possibilidades de avaliação. Nesse sentido, a avaliação apresentada neste artigo poderia ser classificada de vários modos, ou seja, de “efetividade”, na perspectiva de Arretche (1998); de “desempenho” e de “produtos”, na perspectiva de Filgueiras (2006) apud Filgueiras (2007); de “resultado”, na visão de Faria (1998) e de Pestana (1998). Adotamos a terminologia “avaliação de resultados”, pois a ênfase é dada aos resultados, embora sejam reconhecidos em associação alguns aspectos do processo. Para tal, alguns indicadores foram definidos, sendo apresentados na sessão a seguir.

## ***Método***

A avaliação do projeto de extensão “Banco de Preservativos” foi realizada a partir de pesquisa documental e de campo.

A pesquisa documental teve como objetivo analisar o desempenho do projeto no que diz respeito às metas planejadas e a dimensão da participação dos alunos nos eventos

educativos, no cadastramento para acesso mensal ao *kit* de preservativos e na “procura mensal”; numa perspectiva quantitativa. Neste sentido, as questões norteadoras foram: As ações previstas no projeto de extensão foram realizadas? Em qual proporção os alunos compareceram aos eventos educativos? Houve crescimento no número de alunos cadastrados? Em caso afirmativo, qual a proporção de crescimento? Qual a proporção de efetivação da “procura mensal” pelos preservativos?

Os documentos analisados foram: as listas de presença nos eventos educativos, lista de presença de procura mensal dos alunos cadastrados, rol dos eventos realizados, rol de “entrada e saída” de preservativos.

A pesquisa de campo apresentou uma perspectiva quanti-qualitativa e seu objetivo foi analisar a inserção dos alunos nas ações desenvolvidas pelo Projeto Banco de Preservativos da UFF/Campos, sendo este, desdobrado em objetivos específicos, tais como: conhecer a opinião dos alunos sobre a qualidade, quantidade e tipos dos preservativos fornecidos pelo projeto; registrar a opinião dos alunos sobre as atividades educativas desenvolvidas pelo projeto; analisar os motivos que promovem a não frequência mensal ao Banco de Preservativos; analisar o modo e frequência do uso de preservativos; identificar dificuldades de ordem subjetiva (preconceito, constrangimento) que limitam o acesso e uso do preservativo. Desse modo, as questões norteadoras foram: Qual a opinião dos alunos sobre as ações educativas e os insumos relativos ao projeto de extensão? Quais os tipos de atividades educativas contaram com maior participação dos alunos? Qual a frequência do uso da “camisinha” pelos alunos? Qual a relação entre esta frequência e a ação de “procura mensal” pelos preservativos? Nos casos pertinentes, quais os motivos para o não uso?

A pesquisa de campo foi realizada a partir da aplicação de questionários, segundo amostragem. Os questionários foram compostos de duas partes: a primeira com dados pessoais e socioeconômicos; a segunda, sobre o projeto. Sobre esta parte, era solicitado aos alunos não cadastrados no “Banco de Preservativos” que não respondessem as perguntas específicas para cadastrados.

A amostra foi definida tendo como referência o mês de abril de 2010, quando o Polo da Universidade Federal Fluminense, em Campos dos Goytacazes, possuía uma média de 750 alunos, destes 138 alunos cadastrados no “Banco de Preservativos”. O total de alunos envolvia os quatro cursos naquele momento em execução, compostos em 15 turmas de, em média, 50 alunos cada. O tamanho da amostra foi construído a partir da soma dos alunos cadastrados para recebimento mensal do *kit* de preservativos (138 alunos) com 25%<sup>2</sup> do número de alunos de cada turma (187 alunos), pois entendemos que, desse modo, a amostra expressaria opiniões de alunos cadastrados e não cadastrados, possibilitando uma maior pluralidade e diversidade de opiniões. Portanto, a amostra contemplou 325 alunos, ou seja, 43,6% do total de alunos do polo universitário.

<sup>2</sup> A proporção de 25%, encontra-se em conformidade com pesquisa relacionada à prevenção e saúde nas escolas, realizada da UNESCO, 2006.

Os alunos foram escolhidos de modo aleatório, definido pelo interesse e disposição em participar da pesquisa. Inicialmente a entrega de questionários voltou-se aos cadastrados e, posteriormente, aos não cadastrados, que estavam presentes no momento da distribuição dos questionários nas salas de aula e que, como já mencionado, se dispusessem a respondê-los. Portanto, foram distribuídos 320 questionários.

Dos 320 questionários distribuídos foram devolvidos 137 (42,8% deles), sendo 40 questionários (29,2%) de alunos cadastrados e 97 questionários (70,8%) de alunos não cadastrados.

A análise dos questionários será realizada observando os percentuais que expressam cada opção de resposta apresentada, articulando as respostas entre si, associando tendências entre as questões e ressaltando aspectos qualitativos.

A análise dos dados da pesquisa documental será analisada a partir de indicadores. Para definição destes, adotamos algumas proporções, relacionadas aos conceitos de excelente, ótimo, muito bom, bom, regular, insuficiente e deficiente, baseados em padrões utilizados para tais conceitos na área educacional. Para definição destas proporções, que subsidiaram a análise dos dados da presente pesquisa, nos baseamos nos parâmetros referentes à conversão de notas em conceitos por quatro instituições, sendo elas: Sistema de Gestão Acadêmica (SGA)<sup>3</sup>, Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA)<sup>4</sup>, Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR)<sup>5</sup> e o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa (ISCSPUT-Lisboa)<sup>6</sup>. Estes parâmetros são apresentados no quadro abaixo:

### Quadro 1- Proporções referentes à conversão de notas em conceitos, nos SGA, ITA, UNOPAR e ISCSPUT-Lisboa, em 2012

	SGA	ITA	UNOPAR	ISCSPUT-Lisboa (escala de 10 a 20)
Louvor/Excelente		9,5 a 10	90% a 100%	18-20 ou 90% a 100%
Ótimo	90% a 100%			
MB	80% a 89%,	8.5 a 9.4	80% a 89%	16-17 ou 80% a 85%
B	65% a 79%	7.5 a 8.4	70% a 79%	14-15 ou 70% a 75%
Regular/Suficiente	0% a 64%.	6.5 a 7.4	60% a 69%	10-13 ou 50% a 65%
Insuficiente		5.0 a 6.4	até 59%	
Deficiente		abaixo de 5.0		

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados disponibilizados nos sites das instituições citadas, em 2012.

Observamos que não há um padrão rígido na definição destes conceitos, pois há variações em sua nomenclatura e nas proporções às quais correspondem. Os conceitos de Bom (B), Regular (R), Insuficiente (I) e Deficiente (D), referem-se a proporções de aproveitamento diversas entre as instituições citadas. O “Bom” na UNOPAR e na ISCSPUT-Lisboa é inserido na faixa dos 70% de aproveitamento; mas, no SGA é inserido desde os 65% indo a 79% e no ITA é inserido apenas a partir de 75% indo a

3 <http://www.sistemaaula.com.br/faq?View=entry&EntryID=147>

4 [http://www.adm.ita.br/faq/verificacao\\_de\\_aproveitamento\\_escolar.php](http://www.adm.ita.br/faq/verificacao_de_aproveitamento_escolar.php)

5 <http://www.unoparvirtual.com.br/manual-academico-2011-2.pdf>

6 [http://www.iscsp.utl.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=153&Itemid=237](http://www.iscsp.utl.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=153&Itemid=237)

84%. O “Regular”, na UNOPAR, está inserido na faixa dos 60%; mas, o ITA classifica como regular apenas a partir de 65% indo a 74%; a ISCSPUT classifica neste nível desde os 50% de aproveitamento indo a 65% e o SGA denomina de ‘regular’ todos os abaixo de 65% de aproveitamento. A classificação “Insuficiente” foi apresentada apenas pelo ITA e pela UNOPAR; para o primeiro, encontram-se neste nível os alunos com 50% a 64% de aproveitamento; e para a segunda, os com aproveitamento de até 59%. A classificação “Deficiente” foi utilizada apenas pelo ITA, significando um aproveitamento abaixo de 50%.

No que diz respeito aos conceitos de Louvor (L), Ótimo (O) e Muito Bom (MB), embora a nomenclatura varie entre as instituições, em termos de aproveitamento todas compreendem estes conceitos para a inserção na faixa dos 90% a 100%.

Adotaremos a nomenclatura e as faixas de aproveitamento correspondentes aos conceitos utilizados pelo SGA, incluindo o nível Insuficiente, desmembrando o nível Regular (0% a 64%) em duas partes (Regular e Insuficiente). Consideramos, portanto, a faixa referente ao conceito B de modo um pouco mais flexível (65% a 79%) por se tratar de ações de um projeto de extensão, condicionado pelo contexto no qual se insere; e acrescentamos a faixa de menos de 50% para a classificação Insuficiente, por considerarmos importante o registro deste nível. As proporções e nomenclatura adotadas são: 90 a 100%, 80 a 89%, 65 a 79%, 64% a 50% e menos que 50%, para a consideração consecutiva de Ótimo, Muito Bom, Bom, Regular e Insuficiente.

Em relação aos indicadores referentes ao índice de adesão ao uso contínuo de preservativos, expressos, no caso do projeto de extensão em análise, pela evolução no número de cadastros, não localizamos bibliografia disponível que apresentasse um estudo referente, de modo claro e preciso. No entanto, registramos que o Ministério da Saúde (2005, p. 12) refere-se ao índice de aumento da distribuição de preservativos no Brasil, afirmando que passou de 78.4 para 256,7 milhões do ano de 2000 a 2003, ou seja, atesta-se um crescimento em torno de 327% no período de três anos. Nesse sentido, em uma alusão a tais dados, pois o aumento na distribuição de preservativos pelo MS está relacionado ao aumento do uso destes pela população brasileira, definimos que a conversão das proporções em conceitos para análise do crescimento do número de cadastros ocorreria do seguinte modo: os conceitos de Ótimo, Muito Bom, Bom, Regular e Insuficiente, corresponderiam ao crescimento equivalente aos intervalos de 300% a 250%, 249% a 200%, 201% a 150%, 149% a 100% e 99% a 50%, consecutivamente, para a análise do período de três anos.

Em termos da efetivação da “procura mensal”, utilizamos como norteador da definição dos indicadores, associação com a literatura que faz referência ao acesso gratuito a preservativos. Nesse sentido, o MS (2010)<sup>7</sup> afirma que apenas 28.2% dos brasileiros receberam preservativos gratuitamente e, no caso dos mais jovens, este acesso ocorreu na proporção de 36.4%. Também, Paiva; Pupo; Barboza (2006, p. 112) afirmam que

<sup>7</sup> <http://www.aids.gov.br/camisinha-burocracia>.

a percentagem de uso de preservativos entre pessoas sexualmente ativas, comparando 1998 e 2005, evoluiu de 23.87% para 35.37%, ou seja, identifica-se um crescimento de 11.5% em sete anos. Desse modo, definimos que atribuiríamos o conceito de Ótimo, Muito Bom, Bom, Regular e Insuficiente, às proporções referentes à média mensal de "procura" pelos preservativos que correspondessem aos intervalos: 35% a 30%, 29% a 25%, 24% a 20%, 19% a 15% e 14% a 10%, consecutivamente.

Desse modo, para análise da presente pesquisa adotamos os seguintes indicadores:

- a) A realização de 11-12, 10, 9-8, 7-6 e menos que 06 eventos educativos no período de três anos, para todos os alunos, para a consideração consecutiva de ótimo, muito bom e bom, regular e insuficiente desempenho;
- b) O número de alunos presentes nestes eventos, segundo a natureza (oficina ou palestra) e a capacidade física do local do evento (sala ou auditório) nas proporções de 90 a 100%, 80 a 89%, 65 a 79%, 64% a 50% e menos que 50% desta capacidade, para a consideração consecutiva de ótimo, muito bom, bom, regular e insuficiente desempenho;
- c) A realização de 12-11, 10, 09-8, 07-6 e menos que 05 plantões semanais por semestre, para a consideração consecutiva de um desempenho: ótimo, muito bom, bom, regular e insuficiente;
- d) A proporção de crescimento do número de cadastros, no período de três anos, em 300% - 250%, 249% - 200%, 201% - 150%, 149% - 100% e 99% - 50% para a consideração consecutiva de um desempenho Ótimo, Muito Bom, Bom, Regular e Insuficiente;
- e) A efetivação da busca mensal em uma média de 35% a 30%, 29% a 25%, 24% a 20%, 19% a 15% e 14% a 10%, referente ao número de cadastrados, para a consideração consecutiva de conceito: Ótimo, Muito Bom, Bom, Regular e Insuficiente.

## ***Resultados***

### *A-Dados a partir dos documentos do Projeto de Extensão*

O primeiro momento da pesquisa envolveu a análise dos registros de atividades do projeto de extensão Banco de Preservativos da UFF-Campos. Neles, encontram-se sistematizados o fluxo de entrega dos *kits* mensais de preservativos, o fluxo de novos cadastros e a presença de alunos nos eventos educativos, segundo tipo de atividade desenvolvida; sobre os quais analisaremos a seguir.

No que se refere aos eventos educativos para todos os alunos, em três anos (2009-2011) foram inicialmente previstos 12 eventos, sendo realizados oito (8) eventos após a

abertura oficial do “Banco”, dos quais destacamos seis palestras (6) e duas (2) oficinas, sob os seguintes títulos: a) palestras: “A importância do preservativo na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis”; “Vulnerabilidade e DSTs: apontamentos e reflexões”; “HPV: Repercussões na Saúde do Homem e da Mulher”; “DSTs e Gênero”; “Uma história do Amor e da Sexualidade: o mundo antigo”; “Sexualidade: o olhar da psicanálise”; b) Oficinas: “Sexo Seguro: práticas e reflexões”, “HIV e Drogas”. Tais temas foram expostos por colaboradores/convidados, sendo médicos, enfermeira, assistentes sociais, historiador e psicóloga; e, realizados nos turnos da tarde ou noite, em virtude de grande parte dos alunos do polo universitário trabalhar ou atuar como bolsistas.

Nessa abordagem, vale ainda destacar que, antes da abertura oficial, ocorreu em novembro de 2008, a título de experiência piloto, uma palestra intitulada “Sexo e vulnerabilidade: O que temos a ver com isso?”. Ministrada por Dr. Edilbert Pellegrini, médico, coordenador do Programa de Hanseníase do município de Campos dos Goytacazes, assessor técnico do Programa DST-Aids do município de Macaé e grande colaborador do projeto em análise. Esta palestra ocorreu no turno da manhã, diferentemente das demais, sendo também apresentada no rol de ações desenvolvidas.

Sobre a realização de eventos educativos e participação dos alunos nestes eventos, é oportuno observar a tabela abaixo:

**Tabela 1- Eventos educativos promovidos e quantidade de alunos presentes, segundo capacidade ocupacional do local de realização do evento, no período de novembro de 2008 a dezembro de 2011**

Data	Evento/Tipo	Capacidade Ocupacional da Sala	Alunos Presentes	Proporção de presença segundo capacidade da sala
01/11/2008	Palestra	200	45	22.5%
19/03/2009	Palestra	200	177	88.5%
09/09/2009	Palestra	200	207	103.5%
09/06/2010	Oficina	50	46	92%
12/08/2010	Oficina	50	46	92%
22/10/2010	Palestra	70	72	102.8%
15/04/2011	Palestra	70	56	80%
18/08/2011	Palestra	200	116	58%
05/12/2011	Palestra	200	24	12%

Fonte: Elaboração própria, em dezembro de 2011

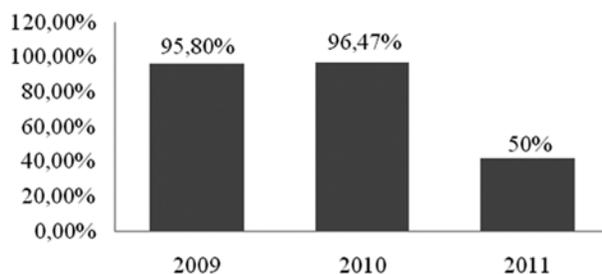
Em termos de proporção de alunos, segundo a capacidade instalada do local do evento, é possível observar que, dos oito eventos realizados para todos os alunos do polo universitário, dois contaram com a presença de um número de alunos maior do que a capacidade ocupacional do local do evento (102.8% e 103.5%); dois eventos contaram com uma participação de alunos em 92% da capacidade ocupacional; dois eventos contaram com uma participação na faixa dos 80% (80% e 88.9%); um evento com 58% de participação; e um evento que contou com uma presença de alunos abaixo de 30% da capacidade ocupacional. A experiência piloto, contou com 45 alunos, sendo 22.5% da capacidade ocupacional do local do evento.

Desse modo, pode ser considerado que, de modo geral, analisando o período de três anos, houve uma boa adesão dos alunos aos eventos educativos, pois alcançou uma média 78.6% de participação dos alunos, segundo a capacidade ocupacional do local do evento.

Importante ressaltar que a análise enfocando a capacidade do local do evento, busca deixar clara a disponibilidade institucional, demarcando o movimento dos alunos, em seu conjunto, de usufruir desta disponibilidade de modo total ou parcial, como as proporções apresentadas indicam.

A adesão aos eventos, de modo paulatino, no transcorrer dos três anos, é apresentada no gráfico 1:

**Gráfico 1: Adesão dos Alunos aos Eventos Educativos em proporção**



FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Vemos que, nos dois primeiros anos do projeto, a adesão dos alunos foi expressiva, com média de presença em 95.8% da capacidade ocupacional. Entendemos que a existência de eventos de tal ordem significava uma novidade no polo universitário e que o assunto sempre associado às DSTs e/ou à sexualidade despertou interesse, de modo especial, junto a um público com maioria de jovens (60.6% dos participantes da pesquisa encontravam-se entre 17 e 25 anos de idade).

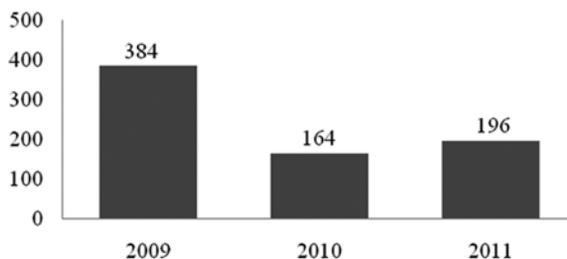
Sobre o evento piloto, em novembro de 2008, este contou apenas com 22.5% de presença de alunos frente à capacidade do local do evento, sendo o primeiro e realizado no turno da manhã o que, de algum modo, justifica a baixa presença, pois os alunos do polo universitário são em grande parte trabalhadores, estando ocupados no turno da manhã. Sobre o fato de ser trabalhador, o perfil dos participantes da presente pesquisa registra que 33.6% deles trabalhavam e que 12.4% eram bolsistas, estando, portanto, 46% deles envolvidos com atividades sob remuneração.

Em 2011, o projeto alcançou 50% de média na presença de alunos, segundo a capacidade ocupacional do local do evento, sendo registrado um decréscimo paulatino nesta participação no decorrer do ano letivo. Associamos o decréscimo ao contexto do polo universitário em 2011, quando foram realizados vários eventos – alguns simultâneos ou na mesma semana – destinados aos alunos; com temas diversos, entre eles alguns referentes ao campo de intervenção de cada curso. Isso nos faz supor que a

diversificação de temas, frente ao tema DSTs que já era em boa parte do conhecimento dos alunos neste momento, promoveu a redução na presença junto aos eventos sobre DSTs e sexualidade. Especificamente, sobre o último evento do projeto, no período em análise, realizado na primeira semana de dezembro de 2011, a redução na presença dos alunos foi mais ampla; sendo possível agregarmos nas justificativas as características do período, com acúmulo de avaliações e atividades de encerramento de semestre, como limitadores desta participação.

A presença dos alunos aos eventos educativos, em números absolutos, é apresentada no gráfico 2:

**Gráfico 2- Adesão dos Alunos aos Eventos Educativos em números absolutos**



FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Nele, registra-se a participação de 744 alunos nos oito eventos realizados. Em 2009, as duas palestras envolveram 384 alunos; em 2010, em um contexto de obras na UFF, inclusive no auditório, as duas oficinas e uma palestra, envolveram 164 alunos; e, em 2011, as três palestras, envolveram 196 alunos. Ou seja, em termos de proporção de presença de alunos, segundo a capacidade ocupacional do local do evento, o ano de 2011 expressou uma participação aquém dos anos anteriores; apesar de, em termos absolutos, apresentar maior quantidade de alunos presente que em 2010. Mesmo assim, em 2011, a participação poderia ser maior, pois houve maior disponibilidade institucional.

Ao contrário, em 2010, pela dimensão das salas disponíveis para os eventos, registramos significativos índices de presença de aluno, embora o número absoluto de alunos se apresentasse aquém dos demais anos. O contexto de obras na universidade apresentou um importante limite para implementação do projeto neste ano, indicando que, caso houvesse a maior disponibilidade institucional, o número de alunos pudesse corresponder à tendência proporcional de altos índices de participação, em virtude de significativa motivação expressa pelos alunos.

Entende-se, portanto, que houve uma boa adesão dos alunos aos eventos promovidos pelo “Banco de Preservativos” e que este, pelo número de alunos presentes, tenha alcançado seus objetivos. A significativa presença dos alunos demonstra que o projeto foi de amplo conhecimento dos alunos e que reproduziu informações sobre prevenção de DSTs e/ou sexualidade para boa parte dos alunos do polo universitário.

Em termos do número de cadastrados para recebimento mensal do *kit* de

preservativos e para a efetivação da procura mensal, observe-se a Tabela abaixo:

**Tabela 2 – Número de cadastros para recebimento mensal do kit de preservativos e efetivação da “procura mensal”, no período de 2009 a 2011**

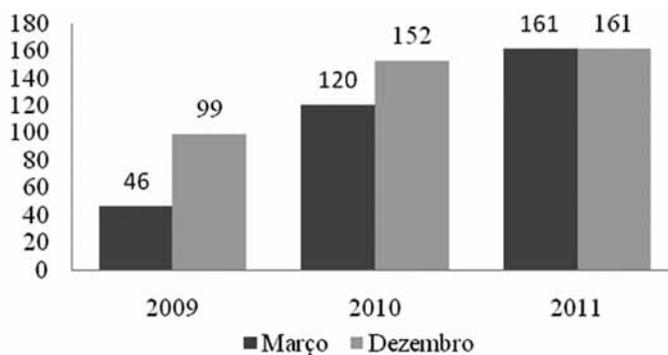
	2009		2010		2011	
	Alunos Cadastrados	Procura Mensal	Alunos Cadastrados	Procura Mensal	Alunos Cadastrados	Procura Mensal
Março	46	16	120	32	161	46
Abril	51	14	138	47	161	21
Maió	55	14	137	19	161	29
Junho	64	21	137	44	161	30
Julho	68	19	137	30	Não houve	Não houve
Agosto	Não houve	Não houve	138	25	161	06
Setembro	91	41	143	31	161	12
Outubro	94	25	151	51	161	13
Novembro	74	14	152	49	161	12
Dezembro	99	12	152	12	161	10

Fonte: Elaboração própria, em dezembro de 2011

Em termos de números de cadastros no “Banco de Preservativos”, podemos observar que no período de três anos letivos, ou seja, de março de 2009 a dezembro de 2011, o número de cadastros cresceu em 250%, passando de 46 para 161 cadastros.

No transcorrer do período, no entanto, houve variações entre os anos letivos, evoluindo bastante de 2009 a 2010 e, evoluindo em menor proporção no período posterior, como pode ser visualizado no gráfico a seguir:

**Gráfico 3 - Número de Alunos Cadastrados no " Bando de Preservativos"**



FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Neste sentido, de março/2009 a março/2010, o crescimento no número de cadastros foi de 161%; e, de março/2010 a março/2011, aumentou em 34,2%. Confirmando a ênfase de crescimento do número de cadastros nos primeiro e segundo anos do projeto, vemos que, em 2009, de março a dezembro, o crescimento foi de 115,2%; em 2010, no mesmo período, foi de 26,7%; de março a dezembro de 2011 não houve crescimento, mantendo-se o mesmo número de cadastros.

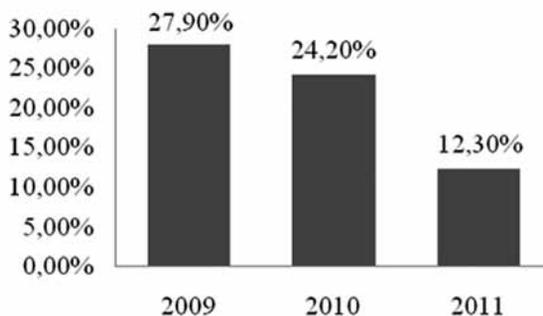
No ano de 2011, a equipe executora do projeto registra a observação de uma maior assiduidade do grupo de alunos ao “Banco”, diferentemente dos anos anteriores, quando o grupo de alunos presentes na busca mensal variava bastante. Isso sugere um maior comprometimento deste grupo com o uso contínuo do preservativo.

Outro aspecto a considerar em 2011, é o fato de o projeto ter atuado associado a outros eventos que envolviam os alunos de todos os cursos, fazendo-se uma distribuição de preservativos (*kit* com quatro) mais ampla. Para além da promoção dos eventos específicos do “Banco de Preservativos”, o projeto atuou de modo concomitante com a realização do Seminário de Pesquisa, em março, e da Abertura do Semestre Letivo, em agosto, quando foram realizados plantões, nos três turnos, esclarecendo-se dúvidas, divulgando-se a prevenção de DSTs e garantindo-se acesso a preservativos.

O movimento de alto índice de cadastros no primeiro ano do projeto, o subsequente declínio deste em 2010 e a manutenção deste durante o ano letivo de 2011 é, por nós, compreendido como parte da relação alunos/projeto, pois no primeiro ano do projeto “Banco de Preservativos”, como já mencionamos, houve grande interesse dos alunos em se cadastrarem para fazer parte do projeto, associando, por certo desconhecimento, o cadastro com a participação nos eventos educativos. Com o transcorrer dos períodos letivos, pela divulgação realizada, passaram a compreender que poderiam participar dos eventos, receberem *folders* e mesmo um *kit* menor (de 04 preservativos) nos eventos, desvinculando o cadastro da participação, de modo mais geral, no projeto. Vale destacar que grande parte dos alunos não se interessou pelo recebimento mensal de 16 preservativos, aspecto que guarda relação com o perfil dos alunos participantes da pesquisa (em sua maioria do sexo feminino; grande parte casados e não associando relação “estável” com o uso de preservativos; boa parte de alunos sem vida sexual). O maior interesse no projeto, se olharmos a quantidade de alunos participantes, passou pela possibilidade de acesso aos eventos educativos.

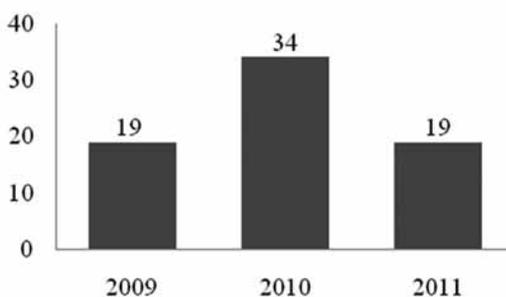
Detendo-nos na análise da efetivação da “procura mensal”, são apresentados os gráficos abaixo:

**Gráfico 4 - Médida de "procura mensal" em proporção**



FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

**Gráfico 5 - Média da "procura mensal" em números absolutos**



FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Neles vemos que, a partir da proporção de alunos cadastrados que compareceu mensalmente ao plantão da equipe executora do projeto, em 2009, a média de “procura” foi de 27.9% dos alunos cadastrados; em 2010, esta média ficou em 24.2% desses alunos; e, em 2011, esta média ficou em 12.3% desses alunos. Em 2011, a média do primeiro semestre foi de 19,5%, reduzindo para 11.2% no segundo semestre. Mas, em termos de números absolutos, em 2009, a efetivação da procura mensal ficou na média de 19 alunos/mês; em 2010, esta média evoluiu para 34 alunos/mês; e, em 2011, ficou em 19 alunos/mês.

Desse modo, a média do número de alunos que efetivaram a “procura mensal”, entre 2009 e 2010, cresceu em aproximadamente 78.9% e, entre 2010 e 2011, decresceu aproximadamente 44.2%. Podemos analisar que, embora o ano de 2011 tenha sido destacado como o de menor procura mensal pelos alunos, em termos proporcionais, sua média de procura em termos absolutos ficou equiparada ao primeiro ano do projeto. Destaca-se o segundo ano do projeto, em termos de efetivação da procura mensal, com média da procura mensal em 34 anos/mês.

Outro aspecto a destacar é o incremento, nos cadastros e na efetivação da “procura” mensal, nos períodos (no mês e no mês subseqüente) de realização de evento educativo aberto a todos os alunos. O que, a nosso ver, aponta para a importância de tais

eventos sobre o processo de adesão ao projeto, no sentido restrito do acesso e possível uso dos preservativos e, por conseguinte, sobre a promoção da perspectiva preventiva.

### *B- A opinião dos Universitários*

A opinião dos alunos do polo universitário sobre o projeto “Banco de Preservativos da UFF-Campos”, foi conhecida a partir de aplicação de questionário, especificamente sobre sua segunda parte, referente às ações do projeto. Como já comentado anteriormente, dos 320 questionários distribuídos foram devolvidos 137 (42.8% deles), sendo 40 questionários (29,2%) de alunos cadastrados para acesso mensal ao kit de preservativos e 97 questionários (70.8%) de alunos não cadastrados.

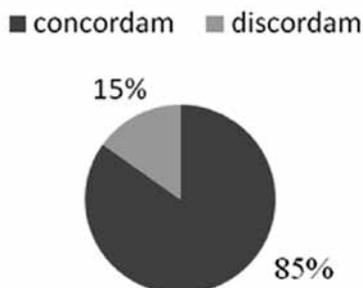
No momento da distribuição dos questionários nas salas de aula, foi orientado e também especificado no questionário, que algumas questões deveriam ser respondidas apenas por alunos cadastrados e outras, por todos os alunos participantes da amostra para pesquisa. Desse modo, antecipadamente era esperado um alto índice de não respostas, para as questões específicas aos cadastrados.

No entanto, este índice se ampliou ou reduziu, em cada questão apresentada, no movimento de realização da pesquisa, pois mesmo com as orientações e especificações, alguns alunos responderam a todas as questões, outros optaram realmente por não responder. Vale ressaltar que inclusive os alunos não cadastrados obtiveram acesso e contato com preservativos (*kit* com 04 unidades) que foram distribuídos aos alunos participantes dos eventos educativos, o que justifica as respostas as questões específicas, não as invalidando a título de análise. A flutuação do índice de respostas poderá ser observada nas análises apresentadas a seguir.

Aos alunos que eram cadastrados para acesso mensal ao *kit* de preservativos foi solicitado que respondessem as questões apresentadas na sequência a seguir.

Sobre a *quantidade de preservativos* mensalmente distribuídos pelo projeto de extensão, 66 alunos responderam. Destes, 84.8% concordam com quantidade e 15.2% discordam, como mostra o gráfico a seguir:

**Gráfico 6 - Opinião dos alunos sobre a quantidade de preservativos fornecida pelo "Banco de Preservativos"**

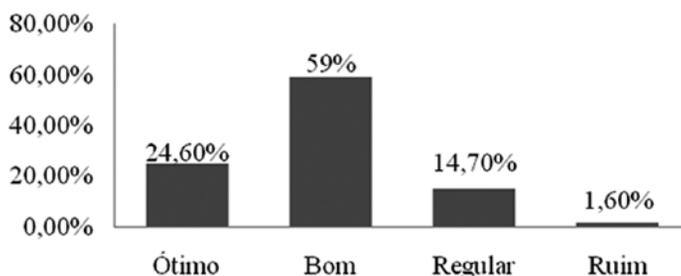


FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Foi solicitado que ambas as alternativas fossem justificadas. Entre os que concordam, temos as seguintes falas: “se faltar, a quantidade a ser comprada é menor” e “porque já estamos recebendo gratuitamente, não tem porque reclamar”. Entre os que discordam da quantidade, temos as seguintes falas: “muitas pessoas fazem com mais frequência ou usam mais de um em uma relação”; “é pouco para todo o mês”; “seria melhor se cada um dentro de seu limite dispusesse de uma determinada quantia”. Ou seja, obtivemos respostas que remetem a uma ampla frequência de relações sexuais, maior do que o número de preservativos entregues; que remetem ao desejo que haja respeito a diversidade de ritmos e a uma consciência crítica pouco desenvolvida em relação aos direitos sociais e/ou acesso aos serviços e insumos públicos.

No que se refere à *qualidade dos preservativos* disponibilizados aos alunos, 61 alunos responderam, destes 24.6% o consideram ótimo; 59% o consideram bom; 14.7% o consideram regular; 1.6% (01 aluno) o consideram ruim; como pode ser visto no gráfico a seguir:

**Gráfico 7 - Considerações dos alunos sobre a qualidade dos preservativos disponibilizado pelo projeto**



FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Em relação ao destino dos preservativos recebidos, 59 alunos responderam, destes 40.7% disseram que todos eram utilizados por eles mesmos; 45.8% disseram que alguns são doados; 10.2% disseram que todos são doados; 3.3% optaram pela categoria “outros”, sem especificarem; conforme mostramos no gráfico a seguir:

**Gráfico 8 - Destino dos preservativos recebidos pelo "banco de Preservativos"**



FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Desse modo, a maioria dos alunos concorda com a quantidade de preservativos mensalmente disponibilizados e os considera de boa qualidade. No entanto, nem todos os preservativos foram utilizados pelos próprios alunos, parte deles foi doada a terceiros. A pergunta que apresentaremos a seguir, referente à procura mensal pelo kit de preservativos, poderá ser associada para análise, pois alguns alunos consideraram a quantidade de preservativos maior do que a necessária ao seu uso, porque realizavam menos do que 16 relações/mês, ou seja, média menor do que 04 relações sexuais semanais; ou porque não realizam sexo. Assim, pelo perfil dos alunos, vemos que a possibilidade da doação realmente se apresenta.

Mesmo assim, embora o foco do trabalho desenvolvido fosse os alunos do pólo universitário, a doação não é considerada “aos olhos” das ações promovedoras da prevenção de DSTs, como algo negativo, pois com as doações, algum indivíduo estaria se prevenindo a partir do projeto desenvolvido.

Sobre a *efetivação da procura mensal* pelo plantão do projeto no sentido de ter acesso ao kit de preservativos, 67 alunos responderam. Destes 24 alunos (35.8%) procuraram mensalmente e 43 deles (64.2%) não procuraram mensalmente; como mostra o gráfico a seguir:

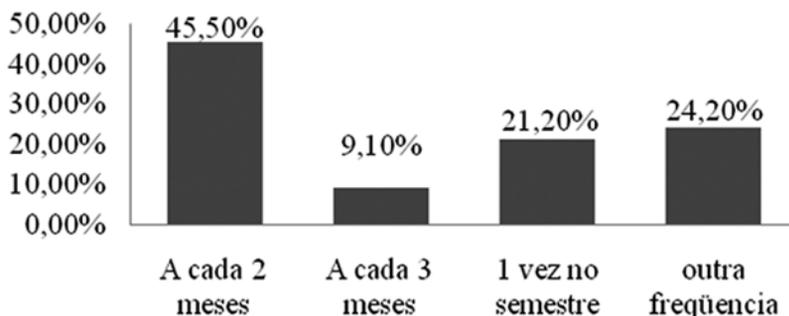
**Gráfico 9 - Efetivação da "procura mensal"**



FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Aos que não indicaram frequência mensal, foi solicitado que registrassem a frequência de sua procura pelo citado plantão. De um universo de 43 alunos que disseram que a procura não era mensal, 33 alunos registraram a frequência. Destes, temos: a) 15 alunos (45.5%) procuravam a cada dois meses; b) 03 alunos (9.1%) procuravam a cada três meses; c) 07 alunos (21.2%) procuravam uma vez a cada semestre; d) 08 alunos (24.2%) apresentaram outra frequência. Veja as proporções no gráfico abaixo:

**Gráfico 10 - Frequência da procura dos alunos que não indicaram frequência mensal**

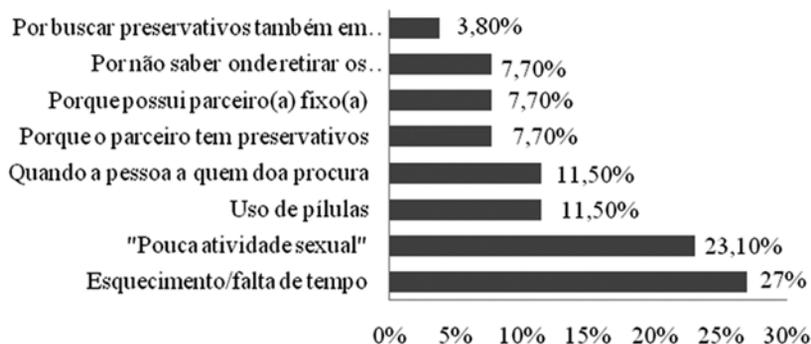


FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Na opção “outra” frequência, as explicações foram apresentadas do seguinte modo: a) 03 alunos indicaram não participação no cadastramento do Banco de Preservativos, expressos pelas seguintes falas: “não vou”, “não sei onde retira”, “ainda não precisei”; b) 04 alunos indicaram que a procura é determinada pela necessidade, expressos pelas seguintes falas: “quando lembro”, “quando estiver precisando”, “de vez em quando”, “sempre que a pessoa a quem dão os preservativos aparece”; c) 01 aluno indicou uma busca esporádica pelos preservativos: “Só peguei três vezes”. Tais explicações, em verdade, registram um interesse pequeno pelos preservativos e, em maior proporção, apontam para uma frequência esporádica, sem intervalos de tempo previamente definidos.

Aos que não indicaram frequência mensal, também foi solicitado que justificassem. De um universo de 43 alunos que disseram que a procura não era mensal, 26 alunos justificaram. Veja o gráfico abaixo:

**Gráfico 11 - Justificativa para não busca mensal dos preservativos**



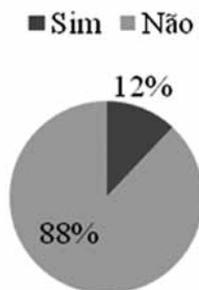
FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Como visualizado, os motivos apresentados, em ordem decrescente, foram: esquecimento ou falta de tempo (27%); por não realizar “tanta atividade sexual”

(23.1%); por usar pílula e, portanto, usar preservativo raramente (11.5%); por pegar preservativos apenas quando as pessoas a quem doa procura (11.5%); porque o parceiro sempre tem preservativo (7.7%); por possuir parceira fixa e, portanto, necessitar poucas vezes (7.7%); por não participar ou não saber onde retirar os preservativos (7.7%); por “pegar preservativos” também em outro local (3.8%).

Sobre a *presença de algum incômodo ou constrangimento* que o (a) tenha limitado a ter acesso aos preservativos disponibilizados pelo projeto de extensão, 58 alunos responderam. Veja o gráfico a seguir:

**Gráfico 12 - Presença de algum incômodo ou constrangimento ao acesso aos preservativos**



FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Como pode ser visto, dos alunos que responderam, 07 alunos (12%) disseram que sim; 51 alunos (88%) disseram que não; sendo justificado somente por um dos alunos, quando diz que percebe “o preconceito de alguns colegas”.

Desse modo, no que diz respeito à frequência ao “Banco de Preservativos”, no sentido do acesso ao Kit de 16 preservativos/mês, vemos que dos 40 alunos cadastrados que participaram da amostra de pesquisa, 24 alunos (60%) registraram frequência mensal, expressando uma boa proporção que aderiram à proposta de assiduidade mensal. Junto aos alunos que responderam registrando outra frequência (33 alunos), preponderou à frequência bimestral (45.5%), seguida da frequência semestral (21.2%); sendo justificado pela referência ao esquecimento ou falta de tempo, a pouca atividade sexual, a não associação entre uso de preservativos e relação conjugal estável, ao uso de preservativos apenas no sentido da contracepção.

Desse modo, entendemos que o interesse pelos temas das atividades educativas, vídeos e folders foram os maiores atrativos numa perspectiva geral, o que pode ser associado à análise das perguntas sobre as ações educativas, mais a frente apresentadas. Os preservativos não foram de amplo interesse se adotamos como parâmetro o número de alunos do pólo universitário, mas, numa perspectiva qualitativa, vieram ao encontro do interesse de um grupo menor de alunos, que mensalmente e/ou bimestralmente, estiveram com a equipe de execução do projeto. Para este grupo, este insumo foi atraente

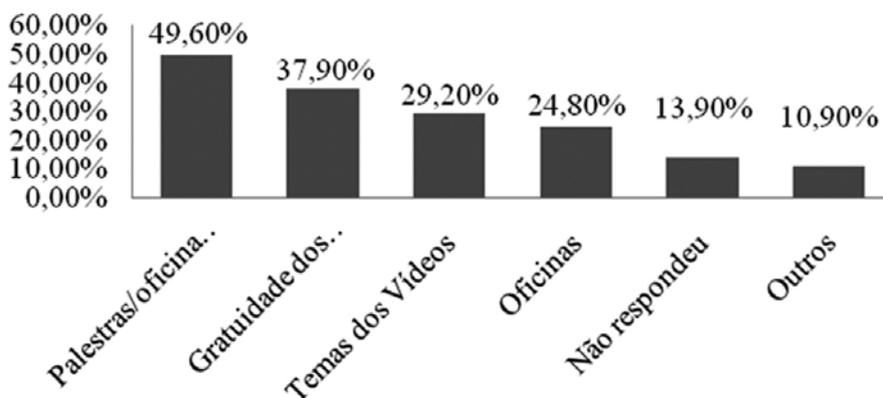
e a perspectiva de prevenção mais diretamente ou objetivamente presente.

Sobre o constrangimento dos alunos em procurar abertamente a equipe do projeto, bastante percebida no primeiro ano (2009) por esta equipe, a presente pesquisa registrou a fala de um aluno, quando se referiu ao preconceito sobre o uso de "camisinhas". Embora assim, tal constrangimento veio sendo bastante reduzido no transcorrer das atividades do projeto. A equipe observou que durante o período em análise, foi ocorrendo um aumento paulatino da exposição de dúvidas e comentários, pelos alunos, durante as palestras e oficinas; e, uma maior espontaneidade para acessar os preservativos. Entendemos, desse modo, que o preconceito e os tabus foram sendo diluídos, envolvendo percepções e atitudes adequadas da equipe.

A todos os alunos que compunham a amostra de pesquisa, foi solicitado que respondessem as questões apresentadas na seqüência a seguir.

Em relação aos *motivos que levaram os alunos a participar do projeto "Banco de Preservativos da UFF-Campos"*, sendo permitida a marcação de mais de uma alternativa, foram sinalizados, em ordem decrescente, alguns motivos como mostra o gráfico 13:

**Gráfico 13 - Motivos que levaram os alunos a participarem do Projeto "Banco de Preservativos"**

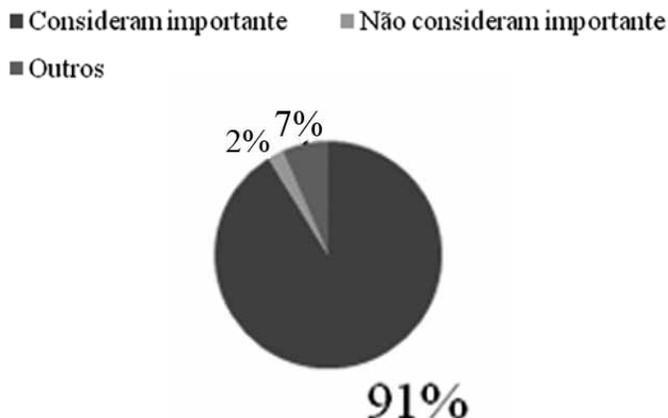


FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Como apresentados, os motivos apresentados foram: os temas das palestras/oficinas e folders (49.6% dos pesquisados); a gratuidade dos preservativos (37.9%); os temas dos vídeos (29.2%); porque gosta das oficinas (24.8%); não respondeu (13.9%) e outros (10.9%). Na categoria outros, a justificativa dada por todos foi o fato de não participarem do projeto de extensão, sendo entendido, neste caso, participação apenas como cadastrado para acesso ao kit mensal de preservativos.

Quanto à *importância das ações educativas*, 91.2% dos alunos pesquisados as consideram importantes; 2.2% não as consideram importantes e 6.6% não responderam; como mostra o gráfico abaixo:

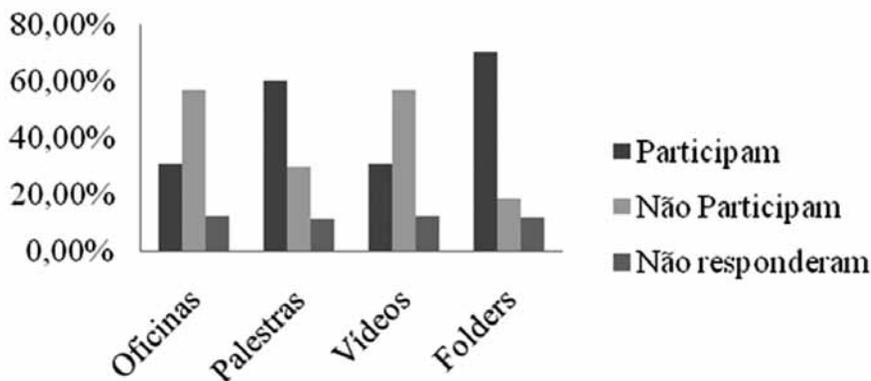
### Gráfico 14 - Importância das ações educativas



FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Sobre a *participação nas atividades do projeto*, veja o gráfico a seguir

### Gráfico 15 - participação nas ações do projeto



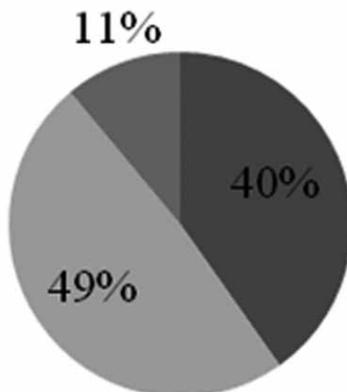
FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Portanto, a participação ocorreu nas seguintes proporções: a) Oficinas: 30.7% dos alunos entrevistados participaram; 56.9% não participaram; e, 12.4% não responderam. b) Palestras: 59.8% dos alunos entrevistados participaram; 29.2% não participaram e 11% não responderam. c) Vídeos: 30.7% dos alunos entrevistados assistiram algum dos vídeos reproduzidos; 56.9% não assistiram e 12.4% não responderam. d) Distribuição de folders: 70% dos alunos entrevistados receberam folders; 18.3% não receberam e 11.7% não responderam.

No que se refere à contribuição do projeto para mudança nas atitudes em relação ao sexo, veja o gráfico abaixo:

## Gráfico 16 - Contribuição do Projeto para mudança de Atitude

■ Houve contribuição ■ Não houve contribuição ■ Outros



FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

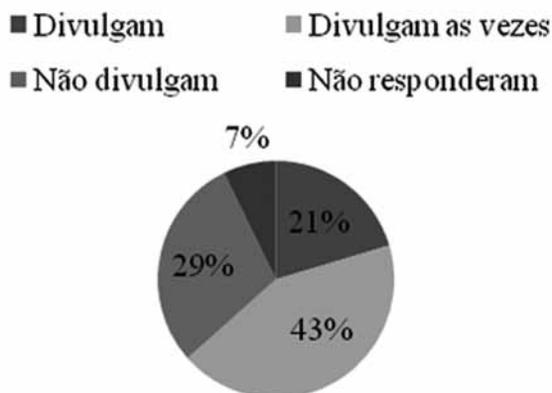
Sobre esta contribuição, obtivemos resposta de 117 alunos (85.4%). Destes, 47 alunos (40.2%) disseram que houve contribuição do projeto, 57 alunos (48.7%) que não houve contribuição e 13 alunos (11.1%) optaram pela categoria “outros”.

Entre os que consideraram a existência de contribuições, 20 alunos (42.5%) disseram que passaram a usar preservativo em todas as relações; e 27 alunos (57.4%) disseram que passaram a usar preservativo em algumas relações sexuais. Entre os que não consideram a existência de contribuições, 48 alunos (84.2%) disseram que já fazia uso do preservativo com frequência; 09 alunos (15.8%) disseram que não houve contribuição, pois continua não usando o preservativo. Na categoria “outros”, somente 10 alunos especificaram, referindo-se a: não vivência de vida sexual ativa (50% /5 alunos); a “não precisar” (20% /2 alunos), a não participar do projeto (20% /2 alunos); e, a não utilizar preservativos (10% /1aluno).

Desse modo, os 42.5% dos alunos que registram a contribuição do projeto, referem-se ao fato das ações do projeto ter modificado seu comportamento, promovendo um maior uso de preservativos. No entanto, grande parte dos alunos já usava o preservativo e alguns não possuíam atividade sexual. Assim, vemos que o projeto incrementou ou reforçou o uso de preservativos, trazendo inclusive a facilidade do acesso a estes, para além de promover a transmissão de informações e reflexões sobre estas.

Sobre a divulgação do projeto Banco de Preservativos entre os colegas do Pólo Universitário, temos: 20.4% dos alunos disseram que divulgam; 29.2% disseram que não divulgam; 43.1% disseram que divulgam às vezes; 7.3% não responderam; como mostra o gráfico abaixo:

### Gráfico 17 - Divulgação do projeto



FONTE: Elaboração própria, em novembro de 2012

Os que não responderam, entendemos que estejam incluídos no grupo dos que não divulgam, ou seja, 36.5% dos alunos não divulgam o projeto, dificultando o repasse de informações sobre os eventos e, especialmente, sobre os plantões do projeto relacionados com a distribuição do kit mensal de preservativos, o que talvez esteja associado ao preconceito e/ou “vergonha” por parte dos alunos.

### Considerações Finais

A avaliação do projeto de extensão “Banco de Preservativos”, nos permitiu compreender as escolhas e atitudes dos alunos do Pólo Universitário da Universidade Federal Fluminense, no município de Campos dos Goytacazes, diante das atividades a eles disponibilizadas pelo projeto.

Este realizou oito eventos educativos, entre palestras e oficinas, em três anos, tendo sido planejado doze; expressando neste aspecto, um bom desempenho.

Sobre estes eventos, *a partir da pesquisa documental*, observamos que a média proporcional de presença, nos três anos, segundo a capacidade ocupacional da local do evento, foi de 78.6% desta capacidade; demarcando, nesta ótica, um bom desempenho. No entanto, o processo expressou oscilações, sendo ótimo o desempenho nos dois primeiros anos e Regular no terceiro ano.

Os alunos aderiram de modo significativo ao cadastramento para recebimento mensal do *kit* de preservativos, tendo o número de cadastros evoluído na proporção de 250% no período de três anos letivos. O crescimento foi bastante expressivo no primeiro e segundo ano do projeto, estabilizando em 2011, quando o número de cadastros foi mantido. Desse modo, o crescimento no número de cadastros no período analisado pode ser considerado Ótimo, embora pudesse ser ainda mais amplo caso de março a

dezembro de 2011 fosse registrado novos cadastros.

Na análise da efetivação da "procura mensal", vimos que em 2009, a média de "procura" foi de 27.9% dos alunos cadastrados; em 2010, esta média ficou em 24.2% desses alunos; e, em 2011, esta média ficou em 12.3%. Em 2011, a média do primeiro semestre foi de 19.5%, reduzindo para 11.2% no segundo semestre. Ou seja, nos dois primeiros anos do projeto a adesão mensal ao "Banco" foi Muito Boa e Boa, consecutivamente. No entanto, em 2011, esta declinou, sendo Regular no primeiro semestre e Deficiente no segundo, mostrando-se aquém de nossas expectativas.

Nesse sentido, diante de um significativo aumento no número de cadastros e uma efetivação de "procura mensal" não correspondente a ele, vemos que o cadastro significou a possibilidade de ir acessar os preservativos no momento que os alunos considerassem melhor. A "procura mensal" foi regida por motivações pessoais, demarcada pelo interesse, necessidade e atividade sexual, aspectos que as questões relativas a opiniões dos alunos, nos permitiram compreender. Desse modo, em cada mês o grupo que "procurava" pelos preservativos era diferenciado, havendo alternância de alunos.

No que diz respeito à *opinião dos alunos do Pólo Universitário*, a maior parte destes concorda com a quantidade de preservativos mensalmente disponibilizados e os considera de boa qualidade. No entanto, a maioria não os "procura" mensalmente, a maior parte dos alunos os "procura" bimestralmente; e justificando sua não frequência mensal por haver pouco interesse pelos preservativos ou por considerarem a quantidade de preservativos maior do que a necessária ao seu uso. Assim, por este perfil dos alunos, vemos que a possibilidade da doação realmente se apresentou; não sendo considerada "aos olhos" das ações promovedoras da prevenção de DSTs, como algo necessariamente negativo, pois com as doações, algum indivíduo estaria se prevenindo a partir do projeto desenvolvido, sendo esta a lógica adotada pelo Ministério da Saúde.

Nesse sentido, o acesso mensal ao *kit* de preservativos, em termos quantitativos não foram de amplo interesse dos alunos. Numa perspectiva qualitativa, vieram ao encontro do interesse de um grupo menor de alunos, que mensalmente e/ou bimestralmente, estiveram com a equipe de execução do projeto. Para este grupo, este insumo foi atraente e a perspectiva de prevenção mais diretamente ou objetivamente presente.

A presença de constrangimento em participar do projeto, bastante percebida em 2009, foi confirmada pela pesquisa pois 12% dos alunos dizem vivenciar o constrangimento, sendo que apenas um aluno justificou afirmando perceber "o preconceito de alguns colegas". O que nos permite reconhecer a presença, ainda, de preconceito quando o assunto é sexualidade e sexo, que muitas vezes, ultrapassa a dimensão da necessidade de prevenção frente a um adoecimento com altos índices de morbidade.

Na pesquisa de campo, a grande maioria dos alunos (91.2%) considerou as ações educativas importantes; sendo definidos os temas das palestras/oficinas, vídeos e *folders*, e a gratuidade dos preservativos como os dois principais motivos que promoveram a participação nas ações do projeto. Coerentemente com isso, 70% dos alunos disseram

ter recebido *folders* e 59.8% destes registraram participação nas palestras. Sobre as oficinas e reprodução de vídeos, destinados mais especificamente aos cadastrados, foi registrado a participação, em ambos, por 30.7% dos que responderam a pesquisa.

Sobre a contribuição do projeto para mudança nas atitudes em relação ao sexo, os 40.2% dos alunos que afirmaram esta contribuição, referem-se ao fato das ações do projeto ter modificado seu comportamento, promovendo um maior uso de preservativos. No entanto, entre os alunos que afirmaram a não contribuição do projeto, grande parte já usava o preservativo e alguns não possuíam atividade sexual. Assim, vemos que o projeto incrementou ou reforçou o uso de preservativos, trazendo inclusive a facilidade do acesso a estes, para além de promover a reflexão e/ou transmissão de informações.

Sobre a divulgação do projeto Banco de Preservativos entre os colegas do Pólo Universitário, vimos que esta foi frágil, pois apenas 20.4% dos alunos divulgam e 43.1% divulgam “às vezes”. Os que não responderam (7.3%) foram incluídos, por nós, no grupo dos que não divulgam, sendo assim, 36.5% dos alunos não divulgam o projeto, dificultando o repasse de informações sobre os eventos e, especialmente, sobre os plantões do projeto relacionados com a distribuição do *kit* mensal de preservativos, o que talvez esteja relacionado ao preconceito e/ou “vergonha” de parte dos alunos.

Desse modo, da avaliação realizada pudemos identificar os momentos e os ângulos do trabalho que foram mais amplamente aceitos pelos alunos e aqueles que, por características dos próprios indivíduos envolvidos, foram de menor interesse, não desconsiderando, no entanto, que houve um grupo que engajou-se no acesso mensal aos preservativos de modo importante.

Vimos que, de modo geral, houve um bom desempenho do projeto, sendo seus resultados satisfatórios, pois houve boa adesão dos alunos às atividades educativas, e o reconhecimento deste sobre a importância do projeto.

Mesmo assim, vemos que há a necessidade de redimensionamento do projeto de extensão, devendo ser redimensionado. O acesso gratuito a preservativos e ações educativas sobre prevenção de DST-Aids, entendemos que devam ser mantidas, mas segundo um novo formato; o que pretendemos realizar em futuro próximo.

## ***Referências***

ARRETCHE, Marta T. S. Tendências no estudo sobre avaliação. In: RICO, Elizabeth Melo (Org). *Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate*. São Paulo: Cortez, 1998. p. 29-40.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Cartilha sobre Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos*. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Camisinha burocrática. *Correio Brasiliense*, 19 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/noticia/camisinha-burocratica>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

- COHEN, Ernesto; ROLANDO, Franco. *Avaliação de projetos sociais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FARIA, Regina M. Avaliação de programas: evoluções e tendências. In: RICO, Elizabeth Melo (Org). *Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate*. São Paulo: Cortez, 1998. p. 41- 50.
- FILGUEIRAS, Cristina Almeida Cunha. Avaliação de programas: oportunidade para a institucionalidade social. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo: Cortez, v. 28, n. 90, p.154-168, jun. 2007.
- INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS. Universidade Técnica de Lisboa. *Avaliação*. Disponível em: <[http://www.iscsp.utl.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=153&Itemid=237](http://www.iscsp.utl.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=153&Itemid=237)>. Acesso em: 15 nov. 2012.
- INSTITUTO TECNOLÓGICO DA AERONÁUTICA. Divisão de Alunos. *Verificação de Aproveitamento Escolar*. São José dos Campos, SP, p.1-4. Disponível em: <[http://www.adm.ita.br/faq/verificacao\\_de\\_aproveitamento\\_escolar.php](http://www.adm.ita.br/faq/verificacao_de_aproveitamento_escolar.php). Acesso em: 15 nov. 2012.
- PAIVA, Vera; PUPO, Lígia Rivero; BARBOZA, Renato. O direito à prevenção e os desafios da redução da vulnerabilidade ao HIV no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 40 sup., p.109-119, 2006.
- PEREZ, José Roberto Rus. Avaliação do processo de implementação: algumas questões metodológicas. In: RICO, Elizabeth Melo (Org). *Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate*. São Paulo: Cortez, 1998. p. 65-74.
- PESTANA, Maria Inês Gomes de Sá. Avaliação educacional – o sistema de avaliação da educação básica. In: RICO, Elizabeth Melo (Org). *Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate*. São Paulo: Cortez, 1998. p. 53-64.
- SILVA, Lígia Maria Vieira da. Conceitos, abordagens e estratégias para a avaliação em saúde. In: HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; SILVA, Lígia Maria Vieira da. *Avaliação em saúde: dos modelos teóricos à prática na avaliação de programas e sistemas de saúde*. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005. p. 15-39.
- SISTEMA AULA. Sistema de Gestão Acadêmica. *Converter Nota para Conceito*. Disponível em: <<http://www.sistemaaula.com.br/faq?View=entry&EntryID=147>>. Acesso em: 15 nov. 2012.
- UNESCO. Grupo de Pesquisa e Avaliação. *Pesquisa Saúde e Educação: cenário para a cultura de prevenção nas escolas*. Belo Horizonte, MG, nov. 2006, p. 1-36.
- UNIVERSIDADE NORETE DO PARANÁ. *Manual Acadêmico 2011-12*. p. 9-10. Disponível em: <<http://www.unoparvirtual.com.br/manual-academico-2011-2.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

*Artigo recebido em: 31 jul. 2012*

*Aceito para publicação em: 07 mar. 2013*